

Introdução: As hepatites virais representam um importante desafio de saúde pública no Brasil, sendo as mesmas, distribuídas em A, B, C, D e E. Cada subtipo possui características distintas em relação à sua transmissão, gravidade e evolução clínica, demandando abordagens específicas de prevenção, diagnóstico e tratamento. O Brasil é um país vasto e diverso, dividido em cinco macrorregiões geográficas: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Com isso, cada macrorregião possui particularidades socioeconômicas, culturais e epidemiológicas, que podem influenciar a dinâmica das hepatites virais em suas respectivas populações. O objetivo do presente trabalho é analisar o quadro atual das hepatites virais nas macrorregiões do Brasil, abordando os aspectos epidemiológicos.

Metodologia: É um estudo ecológico e quantitativo, utilizando dados do Ministério da Saúde através do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) pelo Departamento de Informática do SUS (DATASUS) quanto aos casos confirmados de hepatites virais nas macrorregiões do Brasil entre 2017 a 2020, incluindo idade entre 20 a 64 anos e sexo. Foram excluídos raça/cor, classificação e evolução clínica.

Resultados: Foram registrados 65.081 casos de hepatites virais, sendo 37,7% na Região Sudeste, seguida da Sul (34,4%), Nordeste (11,07%), Norte (10,6%) e Centro-Oeste (6,21%). A maior incidência em relação ao sexo foram registradas em homens representando 38.536 casos (59,2%), seguido das mulheres com 26.545 notificações (40,7%). Já a maior ocorrência em relação a idade foi entre 40 e 59 anos com 36.124 casos (55,5%), seguido de 20 a 39 anos com 21.541 (33,0%) e entre 60 e 64 anos com 7.416 (11,39%). Com isso, a Região Sudeste registrou o maior número de casos de hepatites virais, isso pode ser atribuído ao fato de que a mesma é a mais populosa do país. Já a diferença entre os sexos e idades pode ser atribuída a fatores comportamentais e ocupacionais, como maior exposição a comportamentos de risco, incluindo o uso de drogas injetáveis e práticas sexuais desprotegidas.

Conclusão: Os resultados revelados neste presente trabalho destacam a relevância de abordagens regionalizadas e segmentadas para o controle das hepatites virais no Brasil. É fundamental investir em estratégias de prevenção, diagnóstico e tratamento adequadas, considerando as particularidades de cada macrorregião e os grupos populacionais mais afetados.

Palavras-chave: Casos confirmados, Hepatites virais, Saúde pública

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103071>

IMUNIDADE CONTRA O VÍRUS DA HEPATITE A ENTRE GAYS E OUTROS HOMENS QUE FAZEM SEXO COM HOMENS USUÁRIOS DE PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO AO HIV

Hareton Teixeira Vechi^{a,*},
Júlia Gomes Fernandes Costa de Sant'anna^a,
Marina Gabriela Medeiros de Moura^a,
Fernanda de Lira Nunes Paulino^a,
Cláudio Henrique Silva de Freitas^a,

Edgard Aurino da Silva^a, Clauberto Roseno de Castro^a,
Manoella do Monte Alves^a, Mônica Baumgardt Bay^a,
Carlos Brites^b, Kenio Costa de Lima^a

^a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN),
Natal, RN, Brasil;

^b Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA,
Brasil

Introdução/Objetivo: A hepatite A é uma doença infecto-contagiosa causada pelo vírus da hepatite A (HAV), que é transmitido mormente via fecal-oral, incluindo sexo oral-anal. Entre usuários de profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP HIV) no Brasil, dos quais 83% são gays e HSH, recomenda-se avaliar a susceptibilidade ao HAV por sorologia para fins de prevenção. Este estudo teve por objetivo avaliar a prevalência de anticorpos Anti-HAV IgG/total entre gays e HSH em uso de PrEP HIV e caracterizar suas práticas sexuais.

Métodos: Estudo transversal, realizado entre agosto/2021 e junho/2023, envolvendo gays e HSH ≥ 18 anos, usuários de PrEP HIV, atendidos no principal Serviço de Atendimento Especializado (SAE) do Rio Grande do Norte. Através de um instrumento de coleta padronizado, coletaram-se dados do prontuário sobre aspectos socioeconômicos, práticas sexuais e o resultado da sorologia Anti-HAV IgG/total. O tamanho amostral foi calculado em 185 participantes, com base em prevalência prévia de 62,3% de Anti-HAV IgG/total entre HSH, limite de confiança de $\pm 7\%$, erro tipo- $\alpha = 5\%$ e erro tipo- $\beta = 20\%$. Os resultados foram apresentados em proporções e seus intervalos de confiança de 95%. O estudo foi aprovado no comitê de ética sob CAEE n^o 31650520.0.2005.5292.

Resultados: Participaram do estudo 287 usuários (49,5% daqueles atualmente atendidos no SAE). A mediana de idade foi de 31 anos [IQ=27-36]. Declararam-se negros em 53,7% [43,9-62,7%] e brancos em 45,3% [39,7-50,9%]. Em sua maioria, eram solteiros (82,6% [78,4-86,8%]), residentes em Natal (76,7% [71,8-81,5%]) e homens cis (98,6% [97,2-100%]), tinham > 11 anos de estudo (87,8% [84,0-91,6%]) e renda ≤ 3 salários mínimos (59,9% [54,0-65,5%]). Na inclusão do estudo 64,5% [54,0-75,3%] já usavam PrEP HIV há, pelo menos, 6 meses. Em 62,4% [56,4-68,4%] dos participantes, os anticorpos Anti-HAV IgG/total foram reagentes. Sexo anal desprotegido foi relatado por 83,9% [79,0-88,0%] dos usuários. Em algum momento da vida, frequentar sauna foi relatado por 39,0% [33,1-45,3%], usar sex toys com parcerias em 22,3% [17,4-27,9%] e praticar fisting em 19,9% [15,3-25,1%] dos usuários. Práticas de fingering e sexo oral-anal em algum momento da vida foram relatados por 59,9% [54,0-65,2%] e 92,7% [89,2-95,5%], respectivamente.

Conclusão: A prevalência de imunidade contra o HAV entre a população de gays e HSH em uso de PrEP HIV está abaixo dos níveis estimados ($> 70\%$) necessários para impedir transmissão viral sustentada e futuros surtos.

Palavras-chave: Hepatite A PrEP HIV HSH

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103072>